

# CAPOEIRA: METÁFORAS EM MOVIMENTO

ELIANE DANTAS DOS ANJOS

...PRA GANHAR SEU AMOR FIZ MANDINGA  
FUI A GINGA DE UM BOM CAPOEIRA  
DEI RASTEIRA NA SUA EMOÇÃO  
COM O SEU CORAÇÃO FIZ ZUEIRA...  
(VERDADE: NELSON RUFINO E CARLINHOS SANTANA)

GINGA E RASTEIRA SÃO PRATICAMENTE SINÔNIMOS DE CAPOEIRA. ELES SÃO O MOVIMENTO E O GOLPE MAIS CONHECIDOS E DIFUNDIDOS DESSE JOGO, APARECENDO INCLUSIVE EM CANÇÕES COMO VERDADE, QUE FEZ SUCESSO NA VOZ DO CANTOR ZECA PAGODINHO. GINGA É A MOVIMENTAÇÃO CORPORAL QUE O CAPOEIRISTA REALIZA DURANTE O JOGO, DA QUAL SE ORIGINAM OS MOVIMENTOS DE ATAQUE E DEFESA. JÁ A RASTEIRA É UM MOVIMENTO DESEQUILIBRANTE, APLICADO NO BAIXO PLANO, QUE VISA ARRASTAR A PERNA DE QUEM A SOFRE.



Para compreender o sistema denominativo, ou seja, a terminologia da capoeira, é importante conhecer suas origens e trajetória. Até o início do século XIX, não havia registros escritos ou iconográficos da capoeira, um jogo que teria se desenvolvido entre os negros escravos que a utilizariam para se defender e lutar pela liberdade.

## CAPOEIRA: METÁFORAS EM MOVIMENTO



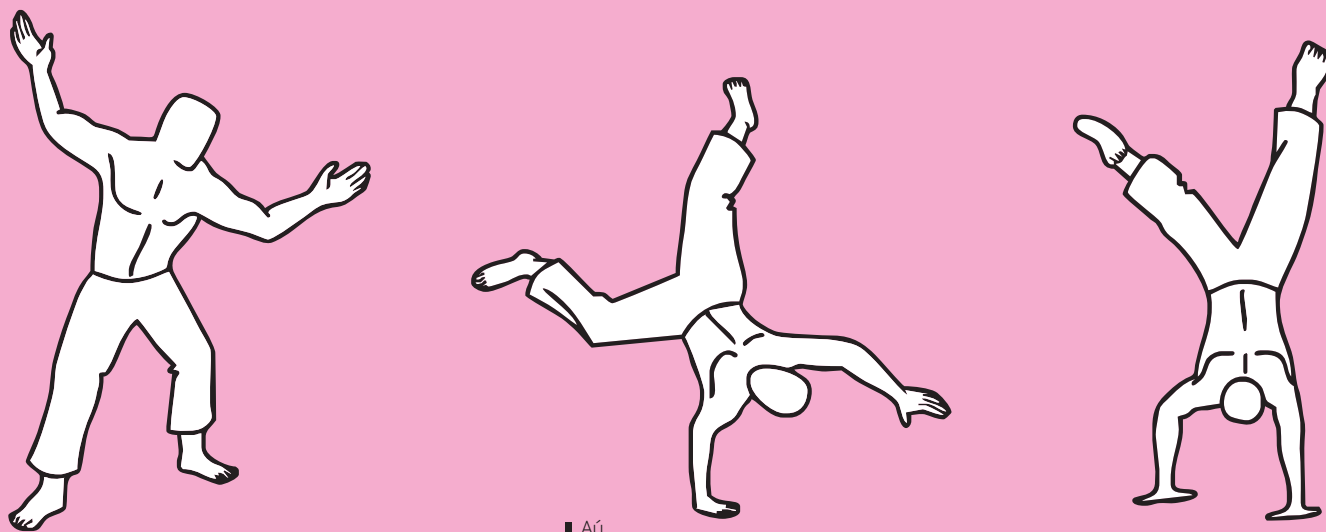
No entanto, a capoeira reserva um repertório muito mais extenso, variado e criativo. *Aú, bênção, rabo-de-arraia, meia-lua, sapinho, vôo do morcego, resistência, negaça* são alguns exemplos de movimentos e golpes. A quantidade de nomes é inumerável, já que cresce de acordo com as habilidades e a criatividade dos capoeiristas. Estes, ao desenvolverem novos movimentos ou variações, criam também novas denominações. É justamente nesse processo que a metáfora tem lugar de destaque.

Para compreender o sistema denominativo, ou seja, a terminologia da capoeira, é importante conhecer suas origens e trajetória. Até o início do século XIX, não havia registros escritos ou iconográficos da capoeira, um jogo que teria se desenvolvido entre os negros escravos que a utilizariam para se defender e lutar pela liberdade. O desenhista francês Jean-Baptiste Debret, que veio em missão ao Brasil a pedido de D. João VI, em 1816, faz referência aos “negros volteadores dando saltos mortais ou fazendo mil outras cabriolas para animar a cena”. O pintor e desenhista alemão Johann Rugendas, que esteve no Brasil em 1821, escreveu uma das primeiras definições de capoeira, descrevendo-a como um “folguedo guerreiro” dos negros, no qual se procurava atingir o peito do adversário com a cabeça e se defender com saltos de lado e paradas. O desenhista compara os competidores a bodes, devido aos choques de cabeça que aconteciam durante o jogo.

Plácido de Abreu, no livro *Os Capoeiras*, apresenta termos como *topete a cheirar e chifrada*, ambas variações de cabeçadas. Essas palavras integravam o vocabulário dos capoeiras, que eram perseguidos principalmente no final do século XIX. Após a prática ter sido considerada crime (1890), subsistiu nos quartéis, onde foram escritos os primeiros manuais de capoeira, considerada um “*sport*” nacional. Em 1907, foi publicado o *Guia do Capoeira ou Gymnastica Brasileira*, cujo autor é um militar não-identificado, e em 1928, *Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada*, de Annibal Burlamaqui, que definiu os movimentos e as regras do jogo da capoeira.

A Bahia foi, no século XX, um verdadeiro celeiro de praticantes desse jogo, que se tornou conhecido no Brasil e no mundo pela determinação e espírito de liderança de dois homens: Manuel dos Reis Machado, Mestre Bimba, e Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha.

Aos 18 anos, Bimba começou a ensinar a arte da capoeiragem e formou o Clube União em Apuros, situado no Engenho Velho de Brotas, um bairro de Salvador. Nessa época, a capoeira era uma só, não havendo distinção entre regional e angola, mesmo porque Bimba foi o responsável pelo desenvolvimento da modalidade de capoeira denominada regional. Segundo depoimentos de Mestre Bimba, a regional teria sido criada em 1928, resultado da inclusão de golpes do batuque (dança masculina de origem africana), do desenvolvimento de novos golpes e do aperfeiçoamento daqueles já existentes. A influência da luta livre, por exemplo, aparece em



■ Aú

golpes como a gravata e na seqüência da cintura desprezada, uma série de movimentos de projeção.

Os contatos dos alunos de Mestre Bimba com autoridades baianas contribuíram para que a capoeira fosse legitimada e excluída do Código Penal, na década de 1940. Com o reconhecimento da luta regional baiana de Bimba, a capoeira tradicional, que passou a ser referida como capoeira angola, também se fortaleceu, tendo como expoente Mestre Pastinha.

O sistema denominativo de golpes da capoeira foi criado, então, a partir do desenvolvimento da capoeira regional e angola, bem como dos focos de resistência da capoeira carioca. Atualmente, com a expansão da capoeira no Brasil e no exterior, foram criadas variações dos movimentos básicos e incluídos novos movimentos, o que se reflete no conjunto de termos. Essa divisão da capoeira também se repercute nos movimentos, que podem ter execuções bastante variáveis. O *rabo-de-arraia* da angola, por exemplo, corresponde à *meia-lua de compasso* da regional, um golpe giratório, com apoio das mãos no chão, em que uma das pernas visa acertar o oponente no plano horizontal; já na regional é a *meia-lua de compasso* executada sem o apoio das mãos no chão; na capoeira carioca é um movimento semelhante, mas executado no plano vertical.

Com base em materiais escritos sobre capoeira publicados a partir de 1960, pelos mestres Bimba e Pastinha, por seus discípulos e com apoio também de livros sobre capoeira de circulação nacional ou com grande divulgação, foi organizado por Eliane Anjos, em 2003, um repertório de termos que constituiu o *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira*. Esse estudo mostrou a predominância da metáfora (transferência de nome por semelhança de sentido) e da metonímia (transferência de nome por contigüidade de sentido) entre os recursos de formação de termos desse jogo.

Entre as metáforas dos termos da capoeira, destacam-se algumas regularidades associativas com animais, armas (instrumentos perfuro-cortantes ou traumatizantes), formas circulares, representações gráficas e objetos do dia-a-dia.

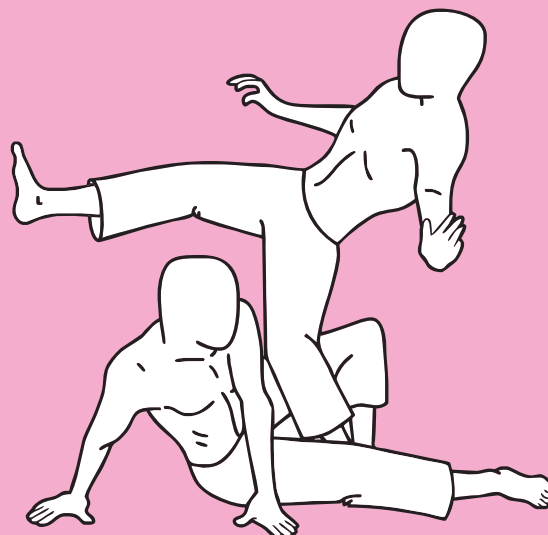
As associações com animais são especialmente recorrentes, entre as quais: *coice*, *rabo-de-arraia*, *sapinho*, *pulo do macaco* e *vôo-do-morcego*. O termo *galopante*, que se refere a um soco dado com os dedos unidos na região dos ouvidos do oponente, também está relacionado a uma característica de movimento de animal, os passos do cavalo, o seu galope. A capoeira, cuja etimologia indígena remete à mata, *ka'a puera*, mata extinta, tem em sua origem entre os negros escravos uma relação forte com a natureza, por isso utiliza tanto a denominação de animais para nomear novos conceitos. O movimento é a essência da capoeira, como de qualquer luta ou expressão corporal, e a observação de animais é uma fonte de criação tanto de movimentos como de denominações.

A relação movimento-animal torna o sistema denominativo mais vivaz e concreto, facilitando a memorização, pois ao associar-se a denominação ao conceito no mundo visível, ao ouvirmos o nome do animal ou de um movimento que a ele se relaciona, visualizamos as características que tornam o golpe ou o movimento semelhantes a ele. Em sua descrição da capoeira, Rugendas compara os capoeiristas a bodes, em virtude da grande quantidade de cabeçadas. Tanto é assim, que o termo *marrada*, cabeçada de bodes e carneiros, foi utilizado por Mestre Bimba em um depoimento gravado no CD *Curso de Capoeira Regional*. No entanto, o termo acabou sendo substituído por cabeçada.

Instrumentos que podem ser utilizados como arma também são denominações muito freqüentes na capoeira. O *açote*, o *arpão*, a *chibata*, a *cutilada*, a *forquilha*, o *martelo* e a *tesoura* demonstram que a capoeira pode ser entendida como uma arma corporal e que seus movimentos, à semelhança desses citados anteriormente, podem causar lesão. Movimentos como *açote* e *chibata* remetem-nos aos instrumentos de punição e tortura, práticas aplicadas aos negros escravos. A relação movimento/arma representa, então, um campo associativo, uma grande metáfora, mostrando a capoeira como a própria arma, que um dia foi luta e que atualmente é considerada um jogo, um esporte.



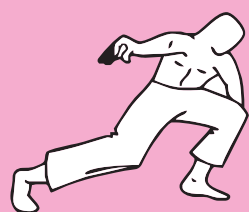
Entre as metáforas dos termos da capoeira, destacam-se algumas regularidades associativas com animais, armas (instrumentos perfuro-cortantes ou traumatizantes), formas circulares, representações gráficas e objetos do dia-a-dia.



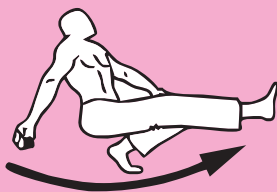
■ Tesoura de frente

Outro tipo de associação é a de movimentos com letras do alfabeto como *aú*, cuja etimologia – mesmo controversa, já que no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1999) a expressão é considerada um africanismo – remete-nos à comparação entre traçado das letras do alfabeto e a posição corporal, com pernas voltadas para baixo, representando A, e voltadas para cima, o U. O *s dobrado* também é um referente que exprime, iconograficamente, o “desenho” do movimento. As curvas nele contidas, assim como na *meia-lua de frente*, na *meia-lua de compasso*, no *compasso* e no *rolê* refletem a circularidade dos movimentos que representam.

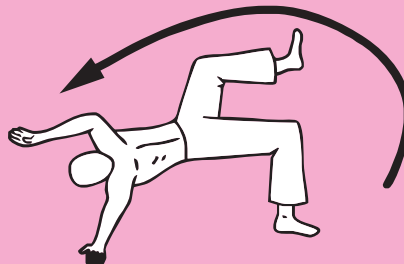
### CAPOEIRA: METÁFORAS EM MOVIMENTO



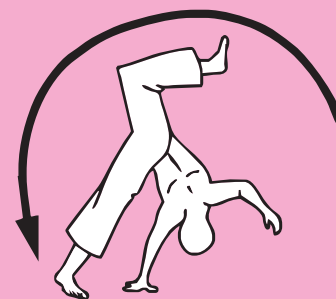
1



2



3



4

■ S dobrado

Os termos *chapéu-de-couro*, *gravata* e *leque*, acessórios de vestimenta, são oriundos de associações comuns do dia-a-dia, assim como *balão*, *chapa*, *cruz*, *telefone*, pois o homem tende a relacionar aquilo que cria com algo que conhece, tomando alguma característica comum, no caso a forma ou a função.



A *bênção* é um termo irônico que subverte o significado de proteção religiosa e a ironiza, pois, na verdade, diferentemente do movimento realizado pelo padre ao levar as mãos ao fiel, a *bênção* da capoeira é um empurrão com o pé, um movimento ofensivo. Esse caráter irônico e debochado também aparece nos termos *bochecho* e *suicídio*, relacionando-se o ato de bochechar ao efeito do golpe e o ato de suicidar-se ao risco assumido pelo capoeirista quando executa o movimento.

A maioria das metáforas ocorre pela semelhança de forma entre o movimento e o objeto, o animal ou a letra a ele associada. Há, ainda, semelhança por função em termos como *açoite*, *balão*, *bênção*, *bochecho*, *chibatada* e *martelo*, relacionados à ação do movimento e não a uma semelhança física. As metonímias referem-se aos efeitos dos movimentos que lhes servem de denominação como *asfixiante*, *quebra-mão* e *quebra-pescoço*. Nesse tipo de metonímia, a associação com o movimento é mais clara, pois se relaciona o efeito que provoca com o nome do movimento.

Outro tipo de associação metonímica recorrente é a parte pelo todo. Apresenta termos como *banda*, que relaciona o nome ao tipo de entrada realizada no movimento (entrada lateral), *cintura desprezada*, para referir-se a um movimento cuja cintura é uma das partes do corpo envolvidas, boca-de-calça, região onde se aplica o golpe. Os termos *palma* e *parteira* demonstram as partes do corpo que têm participação principal no movimento e, muitas vezes, o ponto em que atinge o adversário.

Termos como *negativa*, *vingativa* e *resistência*, que denominam o golpe por meio de uma referência abstrata, subjetiva, mostram a intenção do capoeirista, o caráter combativo do jogo, a negação, ou seja, a resistência à escravidão e a vingança da opressão que subjazem aos nomes dos movimentos.

O caráter irônico, humorístico e de resistência são características do próprio estilo de vida do praticante da capoeira, notadamente, quando esse jogo era ainda uma manifestação perseguida. Outro exemplo de ironia é o termo *godeme*, que se tornou sinônimo de soco desferido pelos ingleses, que por repetirem com frequência a expressão "God damn it!" (Deus amaldiçoe!), eram assim identificados pelos trabalhadores nordestinos de construção.

Segundo a antropóloga Letícia Reis (1993), em sua pesquisa *Negros e brancos no jogo da capoeira: reinvenção da tradição*, a capoeira constrói o mundo invertido tanto com seus movimentos de baixo para cima, realizados no baixo plano, quase no chão, como pela subversão, pelo riso, pela inversão de significado da *bênção*, pelo caráter de resistência dessa cultura. A autora destaca que a capoeira resiste e passa uma mensagem pela gramática corporal, pelos movimentos inversos, manhosos e também por suas denominações.

Quanto à possibilidade de influência de línguas africanas na terminologia da capoeira, com exceção das etimologias controversas dos termos *aú* e *gingar*, termo ao qual Nei Lo-

pes atribui ao quimbundo *jangala*, bambolear, no *Dicionário Banto do Brasil* (1995), não há qualquer evidência de que as raízes africanas desse jogo possam ter deixado heranças lingüísticas. Essa tendência reforça a idéia de que a capoeira tenha se desenvolvido no Brasil e não supõe a importação de uma luta preexistente na África.

Assim, o sistema denominativo da capoeira reflete suas características de luta, de resistência à opressão da escravidão e do preconceito, da circularidade do jogo, da comunhão do homem com a natureza e, acima de tudo, de uma manifestação cultural brasileira.

### Referências Bibliográficas

ABREU, Plácido. *Os capoeiras*. Rio de Janeiro: J. Alves, [1886?]

BURLAMAQUI, Annibal (Zuma). *Gymnastica nacional (capoeiragem) methodizada e regrada*. Rio de Janeiro, 1928.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GUIA DO CAPOEIRA OU GYMNASTICA BRAZILEIRA. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Nacional, 1907.

LOPES, Nei. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura do Rio de Janeiro, 1995.

REIS, Letícia V. de S. *Negros e brancos no jogo da capoeira: reinvenção da tradição*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

ANJOS, Eliane D. *Glossário Terminológico Ilustrado de Movimentos e Golpes da Capoeira: um estudo término-lingüístico*. Dissertação (Mestrado em Letras - Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

RUGENDAS, Johann M. (1802-1858). *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Editora & Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

**Ilustrações:** Reinaldo Uezima.

**Eliane Dantas dos Anjos.** Mestre em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

